



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A INCIPIENTE DEMOCRACIA BRASILEIRA NA PERSPECTIVA FREIREANA

BRAZIL'S INCIPIENT DEMOCRACY IN PAULO FREIRE'S PERSPECTIVE

Maria A Lima Piai

maria-piai@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO: O objetivo deste trabalho é ressaltar e apontar historicamente as escassas experiências democráticas presenciadas pela sociedade brasileira que, até os dias atuais, estrangulam seu processo de democratização. A sociedade brasileira é uma sociedade em trânsito, portanto em choque por causa das contradições entre os avanços e retrocessos. Para compreender o Brasil de agora se faz necessário compreender o Brasil de outrora. Paulo Freire vê a inexperiência democrática como uma das fortes marcas da sociedade brasileira. Na formação dos brasileiros sempre estiveram ausentes as “condições necessárias à criação de um comportamento participante que nos tivesse levado à feitura de nossa sociedade com nossas próprias mãos” (FREIRE, 2011, p. 90). Não tivemos uma experiência de autogoverno e isso contribuiu para o afastamento do exercício democrático. O Brasil foi colônia de Portugal por um longo período de sua história pouco mais de 300 anos, na condição de colônia, e essa colonização com suas condições e estruturas econômicas e sociais não nos foi favorável, deixando um legado comportamental enraizado, sobretudo na estrutura política, que contrariam as práticas democráticas. O poder do senhorio, no período colonial sobre as terras se estendia também sobre as pessoas. Foi uma colonização predatória, violenta e à base da exploração econômica. Esse comportamento social condicionado inibiu e dificultou as condições necessárias para o florescimento de uma cultura e mentalidades democráticas. A noção de voz do povo ou ímpeto popular é um fenômeno do século XX. O projeto de modernização brasileiro, com sua europeização, descaracterizou ainda mais a ideia de povo, de uma identidade nacional, de um autogoverno, por parte da população, distanciando ainda mais a população brasileira da experiência democrática. Para Freire a mentalidade brasileira, mesmo no século XX, ainda era feudal, pois o Brasil desconhecia sua própria realidade. E ainda no século XXI essa escassez de conhecimento e participação nas decisões comuns continuam, muitas vezes, parecendo para nós como nos tempos da colonização com suas estruturas econômicas, políticas e sociais, no entanto, agora a mídia é a grande promotora da acomodação.

Palabras-chave: Democracia, Inexperiência democrática, Paulo Freire.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT: The education of Brazilians has always lacked the “conditions required to establish a participating behavior that would take us to the making of our own society with our very hands” (FREIRE, 2011, p. 90). According to Paulo Freire, we have not had an experience of self-government and this pushes us away from exercising democracy. The purpose of this work is to resume such discussion in Paulo Freire’s perspective, in an attempt to understand the consequences of this lack of democratic experiences in the making of the Brazilian society which, till today, choke the democratization of our country. Brazilian society is in transit, therefore, in shock due to the contradictions between advances and setbacks. In order to understand Brazil today it is necessary to comprehend Brazil in the past. Paulo Freire sees the lack of democratic experience as one of the strong traits of Brazilian society. Brazil was a colony of Portugal for a long time in its history, around 300 years as a colony, and such colonization with its social and economic conditions and structures was not favorable to us leaving a behavioral legacy deeply rooted especially in the political structure which are against the democratic practices. The lordship power, in the colonial period, over the land was also over the people. It was a predatory and violent colonization, based on economic exploitation. Such conditioned social behavior inhibited and hampered the conditions required to make a democratic mind and culture blossom. The voice of the People or a popular urge is a phenomenon starting 20th century Brazil. The Brazilian modernization process, under Europe’s influence, undermined the notion of people even more, of a national identity, of self-government, in a great deal of the population. This moved the Brazilian population even further from the democratic experience. For Freire, the Brazilian mind, even though in the 20th century was still feudal, as Brazil ignored its own reality. And still in the 21st century, such lack of knowledge and participation in the collective decision making often continues to seem the same as at the time of colonization with similar economic, political and social structures. However, today the media is greatly responsible for the complacency.

Keywords: Democracy, Lack of democratic experience, Paulo Freire.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

A democratização do Brasil vem ocorrendo de forma bastante lenta e a causa desta lentidão só pode ser explicada a partir da análise do contexto político-histórico do país, profundamente marcado pela imposição dos interesses de grupos económicos dominantes. O conceito de povo e de nação brasileira é recente e ainda se encontra em construção. Durante o período da escravidão, a ideia de povo brasileiro inexistia, pois a escravidão impossibilitava a existência de direitos universais que são condição para a existência de uma sociedade plenamente democrática.

Compreender o Brasil atual é impossível se não compreendemos o Brasil de outrora. Paulo Freire vê a inexperiência democrática, como uma forte marca da sociedade brasileira. Procuraremos nesse texto ressaltar e delinear, esse conceito de inexperiência democrática e demonstrar como este aliado à inibição ou boicote às manifestações e ações genuínas de diversos grupos sociais sufocam cada vez mais o processo de democratização brasileiro.

Não podemos restringir atualmente toda a nossa incapacidade de exercício da cidadania às condições histórico-culturais pelas quais o Brasil passou, mas também não podemos ignorar essa questão e temos de criar estratégias para superar as deficiências que a nossa própria história nos legou.

Na formação dos brasileiros sempre estiveram ausentes as condições básicas para a formação cultural que proporcionasse um comportamento participante e autônomo no desenvolvimento da sociedade. Freire cita *A democracia na América* de Tocqueville para afirmar que a democracia é uma construção social e não algo que uma classe pudesse impor sobre as outras. .

O atual cenário político brasileiro é marcado por um discurso democrático muito raso e por diversas manifestações públicas de grupos sociais que pedem a volta da ditadura. Estes são sintomas que expressam a fraqueza da democracia brasileira e mostram a necessidade de discutir e disseminar conhecimentos acerca das formas de governo, sobretudo daquela que possibilita ou pressupõe o autogoverno e a perspectiva social/coletiva.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. A inexperiencia democrática

A cultura brasileira, como bem descreveu Sergio Buarque de Holanda, foi marcada por uma ética da aventura, pela busca de resultados rápidos sem a preocupação com os meios, mas somente com os fins. Não havia pretensões entre os colonizadores portugueses e espanhóis de fixarem residência nessas terras, seus propósitos eram explorar as riquezas encontradas sem se preocuparem com o estabelecimento de vínculos mais profundos com a colônia, pois o seu principal intuito era enriquecer e voltar para seu país de origem com a glória das riquezas conquistadas. E, segundo Gilberto Freyre “muitos dos colonos que aqui se tornaram grandes proprietários rurais não tiveram pela terra nenhum amor, nem gosto pela sua cultura” (2003, p. 85).

Já a cultura estadunidense, por exemplo, é marcada pela ética do trabalho. Os anglo-saxônicos que se radicaram na América do Norte tinham uma postura diferenciada dos ibéricos que colonizaram a América do Sul. Os colonizadores anglo-saxões buscavam estabilidade, buscavam vencer os desafios e as dificuldades com uma disciplina voltada para o trabalho. Muitos foram para essas terras em busca de novas oportunidades e liberdade para suas práticas religiosas, então, o intuito era fixar moradia, constituir uma nova sociedade e não apenas tirar proveito material e voltar para sua terra de origem.

Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias dos aventureiros – audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem [...] Por outro lado, as energias e os esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles (HOLANDA, 1995, 44).

Esse desapego dos colonizadores não teria favorecido a formação de um ideal de povo e nação brasileira, tornando-se uma barreira para a criação de uma identidade nacional brasileira, que se encontra em processo de constituição até os dias atuais.

Não tivemos uma experiência de autogoverno e isso contribuiu para o afastamento das pessoas do exercício democrático. O Brasil foi colônia de Portugal por um longo período de sua



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

história: pouco mais de 300 anos, e essa colonização, com suas condições e estruturas econômicas e sociais, não nos foi favorável, deixando um legado comportamental enraizado, sobretudo na estrutura política, que contraria as práticas democráticas. Nas palavras de Freire “inexperiência democrática enraizada em verdadeiros complexos culturais” (FREIRE, 2011, p. 90).

O poder do senhorio, no período colonial, sobre as terras se estendia também sobre as pessoas. Segundo Gilberto Freyre o latifúndio, o trabalho escravo e o patriarcalismo familiar são os elementos constitutivos da sociedade agrária/colonial brasileira (FREYRE, 2003, p. 64-117). Foi uma colonização predatória e violenta, guiada pela noção de exploração econômica.

Explorou-se inicialmente o nativo, que por não ter se submetido ao trabalho forçado foi (e continua) sendo taxado de indolente e preguiçoso. Posteriormente explorou-se os africanos e mesmo depois de mais de um século da abolição da escravatura, suas marcas ainda continuam muito presente em nossa sociedade, como, por exemplo, na discriminação aos descendentes dos escravos, que até hoje os condena a uma condição social devalorizada. As consequências de tais práticas contribuíram muito para inibir as condições necessárias para o florescimento de uma cultura e uma mentalidade verdadeiramente democrática no país.

As pessoas pertencentes às camadas menos privilegiadas da sociedade, que formavam a grande maioria da população brasileira, ficavam excluídas de qualquer forma de participação política por causa de suas condições econômicas. Essa população colonial que não era escrava nem fidalga estava afastada do processo econômico, pois não tinham renda e não se encaixava na categoria de povo.

Toda a economia brasileira colonial tinha caráter agroexportador e, segundo Caio Prado Júnior, se organizava com base em três elementos: o latifúndio, a monocultura e o trabalho escravo. A alimentação era muito escassa para todos, pois a produção agrícola não era organizada para abastecer o mercado interno mas sim o externo: produzia-se para abastecer a Europa, sobretudo Portugal. A estrutura social que se apresentava nesse contexto, era segundo Prado Junior, prejudicial para o desenvolvimento de uma economia nacional autônoma.

As mudanças que ocorreram no Brasil e que levaram à declaração da Independência em relação Portugal se deram em um contexto de necessidade capitalista e não por um anseio da



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

população brasileira, ou seja, de forma passiva, sem o papel ativo da população brasileira, mas por meio de um plano organizado por grupos privilegiados, ou seja, os latifundiários que compunham uma pequena minoria da população. A grande maioria da sociedade estava excluída e desagregada socialmente, sem trabalho e alheios a qualquer tipo de inserção social. Nas palavras de Prado Júnior:

[...] chegamos a cabo de nossa história colonial constituindo ainda, como desde o princípio, aquele agregado heterogêneo de uma pequena minoria de colonos brancos ou quase brancos, verdadeiros empresários, de parceria com a metrópole, da colonização do país, senhores da terra e de toda sua riqueza; e doutro lado, a grande massa da população, a substancia, escrava ou pouco mais que isso, máquinas de trabalho apenas, e sem outro papel no sistema (PRADO JÚNIOR, 1961, p. 121).

Não houve interesse por parte de Portugal de desenvolver no Brasil uma civilização, por isso o Brasil nunca foi dotado de nenhuma estrutura social mínima, que, por exemplo, oferecesse escolas, pelo menos para a elite da sociedade. Essa estrutura política e social só começa a se constituir com a vinda da família real para o Brasil em 1808, mas não por desejo dos colonizadores que sempre pretenderam apenas explorar comercialmente a terra. Entre aqueles que haviam nascido aqui parecia não haver um sentimento de povo, de nação, pois o contexto não permitia tal possibilidade.

O Brasil era como terra para aventureiros, para quem estava disposto a buscar enriquecimento fácil e voltar para sua terra natal. Não havia, em um primeiro momento, nem ao menos a intenção de povoar as terras brasileiras, já que a população de Portugal era pequena. Para Freire (2011) faltava ânimo para os colonos que vieram ao Brasil, porque não havia uma integração entre esses colonos e a terra, vista por eles como algo que deveria ser apenas explorada.

Mesmo com o surgimento de novas condições que exigiram dos colonizadores um povoamento efetivo e uma maior integração com a terra, não se forjou um sentimento de pátria ou nação, pois aqueles que se fixaram em terras brasileiras por motivo de trabalho o fizeram a contragosto. Freire faz essa afirmação com base nos estudos de Caio Prado Júnior intitulado *A evolução política do Brasil colônia e império*.

Apoiado nos clássicos da sociologia brasileira, Freire afirma também que a colonização brasileira se deu no contexto da posse de terra concentrada em grandes latifúndios; o que permanece



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

até aos nossos dias. “Fazenda e engenho, terra grande, imensas terras, doadas as léguas a uma pessoa só, que se apossava dele e dos homens que vinham povoá-las e trabalhá-las” (FREIRE, 2011, p. 93). Naquele sistema de repartição latifundiária de terra não restava outra opção para a maioria que não era proprietária a não ser trabalhar nessas terras de outros, serem moradores dessas terras, pois assim poderiam receber a proteção dos senhores em relação aos nativos, pois estes eram conhecidos como ameaçadores.

As pessoas pertencentes às camadas inferiores da sociedade, estavam excluídas de qualquer forma de participação política por conta de sua condição econômica. Ainda no século XIX a escravidão estava presente e a estrutura social que ela permitiu foi um empecilho para o crescimento e desenvolvimento industrial e comercial do país, pois bloqueava o desenvolvimento que o trabalho livre poderia proporcionar, como por exemplo, forçar a promoção das gentes à categoria de povo.

A participação popular era sempre inibida ou desencorajada permitindo a ascensão de um estado de assistencialismo político como bem descreveu Sérgio Buarque de Holanda, que também apresenta a cordialidade como a principal característica do homem brasileiro. Isto, no entanto, não é de nenhum modo positivo, mas sim negativo, pois tal prática não contribuiu para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária, já que ela não ajudava a resolver as coisas de modo justo e racional, mas por troca de favores e assistencialismo por parentesco.

Essas práticas se estendiam, e ainda se estendem, por toda a sociedade brasileira, criando uma certa promiscuidade nas relações que se estabelecem entre a esfera pública e a privada. Esse personalismo estava e está presente nas mais diversas relações sociais inclusive nas relações políticas e econômicas, onde deveria prevalecer o racionalismo e a impessoalidade. Diante dessas condições “culturais”, constituiu-se o homem brasileiro, que para Freire, em meio a esse mandonismo e pseudo protecionismo dos senhores de terra, desenvolveu uma tendência para ser dependente.

Essas condições históricas criaram o perfil do homem brasileiro que busca soluções paternalistas para resolver seus problemas, tanto de ordem particular, quanto de ordem social. Isso gerou, segundo Freire, um mutismo, ou seja, a negação do diálogo, uma grande deficiência no



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

processo comunicativo. O brasileiro acostumou-se a receber comunicados, orientações direcionamentos, acostumou-se a delegar ao senhorio a solução de seus problemas, assim não se abriu para o diálogo vivendo da “bondade do senhor” numa área fechada à autonomia, à crítica, aberta somente às imposições e o mandonismo e as leis que foram feitas pelos próprios donos das terras e das gentes.

O limite da violência desses donos de gentes e terras contra as gentes que eram suas propriedades era o medo de que o escravo viesse a falecer ou que ele se suicidasse. Mesmo diante de relações que, segundo Freire, eram brandas na maneira dos senhor tratar os escravos e os plebeus, não havia diálogo, mas um paternalismo, uma imposição do grande em relação ao pequeno em termos econômicos ou sociais.

Diante de toda aquela condição violenta, a bondade ou condescendência de alguns senhores atraíram aqueles que eram duramente castigados. Esse modelo social, colonial, patriarcal não dá espaço para o diálogo, pois não há abertura e, não há autogoverno sem dialogação ou dele temos raras manifestações (FREIRE, 2011, p. 95)

Para Freire, a construção do homem brasileiro se deu em meio de um mutismo do homem que não participava das soluções dos problemas comuns, “Faltou-nos, na verdade, com o tipo de colonização que tivemos, vivência comunitária.” (FREIRE, 2011, p. 95) pois o poder estava sempre concentrado nas mãos dos proprietários de terra, do governador ou do capitão Mor. A solidariedade parece não ter existido de fato, era sempre pré-imposta e, mesmo “quando esta solidariedade se fez necessária com a importação democracia política, era, antes de tudo, uma solidariedade aparentemente política” (FREIRE, 2011, p. 96).

No contexto das experiências culturais brasileiras não existiam experiências ou de vivências de participação popular no espaço público. A ideia de povo era ausente. A autoridade era sempre externa ao indivíduo. Toda essa dominação, propiciou, segundo Freire (2011, p. 94), a criação de uma consciência hospedeira da opressão e não uma consciência livre e criadora, indispensáveis a um regime autenticamente democrático.

A estratificação econômica imposta pela colonização não permite também o surgimento de uma classe média, nem a criação de centros urbanos formado pelo povo e pelo povo governado.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Isso afastou uma possível sabedoria democrática que poderia ter sido incorporada com uma experiência de governo, com uma experiência na qual a sociedade pudesse se construir por suas próprias mãos e não a partir de uma solidariedade política que constrói os centros urbanos de cima para baixo, arrebanhando e direcionando a população massificada, tirando de suas mãos qualquer pretensão de governo.

O poder econômico do grande proprietário que absorve tudo para si, e o que não absorve asfixia, fez e faz girar tudo em torno de si. Essa concentração de propriedades e bens comerciais foi determinante no modelo de colonização ao qual o Brasil foi submetido. A colônia era explorada por Portugal sem nenhuma pretensão de expansão populacional, como por exemplo, os Estados Unidos foram para a Inglaterra, era uma relação puramente de exploração econômica e de base escravista. “Trabalho escravo de que haveria de decorrer uma série de obstáculos, de estrangulamento à formação de uma mentalidade democrática” (FREIRE, 2011, p. 98).

Os modelos de relações humanas não favoreciam a criação de uma mentalidade flexível, não favoreciam formas públicas de solidariedade, favoreciam solidariedades privadas ou uma aparente solidariedade, um mandonismo, os interesses privados sempre prevaleciam sobre os interesses públicos. Isso se deu numa relação muda, antidialógica; de sobreposição.

A riqueza dos senhores, muito mais que na quantidade de terras que possuíam, se media também na quantidade de escravos que possuía para lhes servir. E, nos escravos recaía a demonstração de poder dos não escravizados, do escravizador que usa de toda a violência para diminuir o escravo e enaltecer aquele que não está na condição de escravo, afirmando “um poder exacerbado a que foi se associando sempre submissão” (FREIRE, 2011, p. 99). Podemos encontrar descrições acerca dessas violências em *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas* de André João Antonil.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Conclusão

A formação do Brasil se caracteriza, segundo Freire por esse poder exacerbado que gera submissão. Essa submissão teve como consequência a acomodação das pessoas nas condições sociais que lhes cabiam. Não havia elemento de integração, pois não havia espaço para o desenvolvimento de um modo de pensar mais crítico e, quando surgia era sufocado pelo próprio sistema.

A integração é uma característica dos regimes democráticos, ela exige razão e consciência da população. A ausência de uma experiência dialógica, e a imposição de um autoritarismo, criou condições para o ajustamento e a acomodação social. As condições sociais passam a ser então acatadas sem consciência ou criticidade. Esse meio autoritário acaba por criar pessoas também autoritárias e/ou submissas, portanto acríticas.

O que levaria centenas ou milhares de pessoas às ruas pedirem a volta da ditadura, de um regime autoritário, parece ser justamente a falta de autogoverno a falta de experiência com a democracia, a não superação da cultura colonial mesmo em tempos de comunicação e abertura às informações.

O legado autoritário e explorador escravista do período colonial brasileiro que dificultava inclusive o desenvolvimento urbano tem suas consequências até os dias atuais esmagando qualquer pretensão de participação popular, inclusive em movimentos de cunho religioso, como por exemplo, o Movimento de Canudos.

O período colonial criou um ambiente de brutalidade constante que tolhe o homem de falar e de crescer, pois sempre se vê submetido a uma verdade já posta. As relações políticas e econômicas determinavam todos os tipos de relações e essas relações eram fechadas na colônia, fechadas em cada fazenda, o que não proporcionavam uma troca com os outros grupos humanos. Freire nos mostra que “com essa política de colonização com seus moldes exageradamente tutelares não podiam ter tido experiências democráticas” (FREIRE, 2011, p. 101).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A metrópole portuguesa, para Freire, criou o homem brasileiro como carneiro e após a independência do Brasil, o modelo econômico e político manteve a mesma estrutura deixando esse legado de incipiência democrática.

O homem comum estava excluído do processo eletivo, ele não votava nem era votado, estando excluído da participação dos destinos da sua comunidade. Esse poderio pertencia a uma classe privilegiada e essa classe mesmo na República, era a dos donos da terra, dos representantes ou herdeiros dos latifúndios, dos engenhos, mais os burgueses comerciantes, isto é, as classes privilegiadas..

Entre 1500 a 1822 as decisões políticas sobre a colônia eram tomadas pela coroa portuguesa. Os que aqui moravam somente obedeciam às ordens de Portugal. A partir de 1822 a 1889, veio a monarquia, mais o país pouco se modificou em sua estrutura política e econômica, mantendo-se como um Estado imperial constitucional com a presença dos três poderes mais o poder moderador, exercido pelo imperador, que detinha o poder absoluto, no entanto, se demonstrava liberal devido ao fato de o Brasil ter uma constituição liberal. Constituição liberal e um regime econômico escravocrata ao mesmo tempo.

Com o fim da escravidão em 1888 e o fim da monarquia em 1889, a classe dominante, a elite brasileira busca estratégias para se manter no poder o que caracteriza o Brasil, nesse momento histórico como um Estado liberal conservador. O governo sempre foi manipulado pelos militares e pelos grandes proprietários de terra. A consequência disso é que o Brasil sempre foi uma pseudodemocracia. A república foi imposta pelos militares, sem a participação popular. Entre 1889 a 19891 houve um governo provisório e em 1891 promulgou-se uma Constituição e criou-se a República Federativa do Brasil. Esse período teve como característica política o coronelismo e a participação dos governadores que evitavam disputas eleitorais entre os governos estadual e nacional, mantendo as regalias políticas.

O coronelismo era a perpetuação do poderio da terra, que se estende também sobre as gentes, sobretudo na zona rural e concentrava o poder econômico, político e social, portanto regendo a vida das pessoas, criando uma condição de submissão e acomodação, sufocando mais uma vez as possibilidades de uma experiência democrática e de uma voz autêntica. Os brasileiros estavam



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

acomodados e conformados com um tipo de vida regida pelo autoritarismo e experiências antidemocráticas dando continuidade àquele modo de submissão do período colonial.

A vinda da família real para o Brasil é um fato histórico, que para Freire, altera o ritmo da vida dos brasileiros, pois proporciona pelo menos ao homem livre, “novas condições com que pudesse realizar novas experiências, no sentido democrático, por outro lado, antagonicamente, reforçava tradições verticalmente antidemocráticas” (FREIRE, 2011, p. 103). Com a presença da família real surge uma série de reformas que afirmaram o poder das atividades urbanas; temos nesse momento histórico o surgimento da imprensa, de biblioteca, das escolas e de uma preocupação com o ensino, etc.

A presença da família real enfraqueceu o poderio ruralista dos senhores de terra e de escravos. Assim o patriarcado rural começa a decair com o poder das atividades urbanas. A burguesia que dava sua contribuição para o desenvolvimento da indústria e do comércio, portanto do espaço urbano, começa a tomar o lugar dos proprietários de terras e gentes.

A voz do povo ou, um ímpeto popular é um fenômeno do século XX como principiante. O projeto de modernização brasileiro, com sua europeização, descaracterizou ainda mais a ideia de povo, de uma identidade nacional, de um autogoverno, por parte da população, reforçando ainda mais a nossa inexperiência democrática.

Para Freire a mentalidade brasileira, mesmo no século XX ainda era feudal, pois o Brasil desconhece sua própria realidade e ainda no século XXI essa escassez de conhecimento e participação nas decisões comuns continuam muitas vezes parecendo para nós como nos tempos de colonização com suas estruturas econômicas, políticas e sociais, no entanto, agora a mídia é a grande promotora da acomodação. Com um olhar mais aguçado é possível perceber que atualmente a mídia tem o poder de controle das gentes, mas quem controla a os meios de comunicação de massa é a elite econômica e política. Então, os mandos e desmandos são os mesmos, a elite econômica controla a política e a sociedade.

Nas palavras de Freire: “importamos a estrutura do estado nacional democrático, sem nenhuma previa consideração ao nosso contexto” (2011, p. 106), uma espécie de alienação cultural: a imposição de uma ação a um problema empurrada de cima para baixo como uma verdade, sem



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

análise do contexto social. Para Freire isso implica em inautenticidade e tende a fracassar (2011, p. 107).

Importamos o Estado democrático e o instalamos em um contexto de inexperiência democrática, num contexto de submissão e autoritarismo no qual o homem vivia calado e vencido pelo sistema econômico e político, excluído de uma proposta de educação popular e do acesso a qualquer participação política.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

FREIRE, Paulo (2011). Educação como prática de liberdade. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREYRE Gilberto (2003). Casa-grande & senzala: a formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global.

HOLANDA, Sergio Buarque de (1995). Raízes do Brasil. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras.

PRADO JÚNIOR, Caio (1961). Formação do Brasil contemporâneo. 6 ed. São Paulo: Brasiliense.